

3 A Semiótica das Imagens

*Palavra dócil
Palavra d'água
Pra qualquer moldura que se acomoda
Em balde, em verso, em mágoa
Qualquer feição de se manter palavra.*

Chico Buarque de Holanda

Esse capítulo tem por objetivo apresentar brevemente a teoria semiótica de Peirce (1966) e Saussure (1916, 2005), introduzindo a teoria da semiótica social (Kress e van Leeuwen, 2000) adotada para a análise de imagens, e que dá suporte ao presente trabalho na análise das fotografias presentes no livro didático estudado.

Pesquisadores como Kress e van Leeuwen (2000), Sturken e Cartwright (2005), Burgin (2005) e Evans (2005) utilizam a teoria semiótica para análise que fazem de imagens, entre elas da imagem fotográfica.

Sturken e Cartwright (2001:25) argumentam que os significados da imagem não estão somente nos elementos da imagem “mas são adquiridos quando esses elementos são *consumidos*, vistos e interpretados”³¹. Sendo assim os significados das fotografias podem ser criados e/ou modificados a cada vez que elas forem vistas, e o contexto sócio-histórico de quem a produz e de quem a vê influenciará na sua interpretação.

Quando refletimos sobre o significado de uma imagem fotográfica, ou seja, quando nos perguntamos quando e onde uma determinada fotografia foi tirada, o que ela mostra, qual tipo de evento e de relação as pessoas e objetos estabelecem entre si, estamos na realidade tentando interpretar e entender o que essa imagem significa para nós. Ao fazermos isso, utilizamos recursos da semiótica tanto para entendê-la, como também para fazer significado (Sturken e Cartwright, 2005:21). Burgin, escritor e artista, defende que “toda comunicação se dá com base em signos”³² (Burgin, in Evans e Hall, 2005:44). Burgin considera a fotografia um

³¹ “...but acquired when they are *consumed*, viewed, and interpreted.” (Sturken e Cartwright, 2001:25)

³² “...all communication takes place on the base of signs.” (Burgin, in Evans e Hall, 2005:44)

signo, ou melhor, “um complexo de signos usados para comunicar uma mensagem”³³ (Burgin, in Evans e Hall, 2005:44).

Sendo esse trabalho sobre fotografia em livro didático de inglês como segunda língua, e sobre as representações que podem ser encontradas nessas imagens fotográficas, a teoria semiótica se torna um importante suporte para a compreensão do que vem a ser representação, pois problematiza e focaliza seu estudo no processo da representação. Chandler (2002:14) argumenta que o estudo da semiótica faz com que “nos tornemos mais atentos ao papel mediador dos signos, e dos papéis que todos exercemos para a construção da realidade social”³⁴. Dessa maneira, a realidade que se forma é relativa, pois é a interpretação que damos a ela que a constroem. “O significado não é *transmitido*, mas criado de acordo com a interação entre o complexo sistema de códigos e as convenções que normalmente ignoramos”³⁵ defende Chandler (2002:15). Ao entendermos o fato de que o mundo ao nosso redor é composto por signos, e que para compreender esse mundo nós só o poderemos fazer através dos signos e códigos que os organizam, devemos ficar atentos então à importância que esses signos exercem na maneira como os construímos e como interpretamos o mundo ao nosso redor. De acordo com Chandler (2002:15) “vivendo num mundo cada vez mais repleto de signos visuais, precisamos aprender que mesmo os signos mais realísticos não são aquilo que aparentam ser”³⁶. Mesmo sendo a fotografia considerada como fiel à realidade que representa, ao investigar a maneira como é construída e de que maneira essa *realidade* nos é apresentada, estamos revelando quais são essas *realidades* que nos estão sendo mostradas, e quais ideologias podem estar presentes ou sendo suprimidas na suas representações. Burgin (in Evans e Hall, 2005:45) argumenta que sendo alguns fotógrafos melhores comunicadores do que outros, o objetivo do semiólogo acaba sendo o de investigar as razões do “sucesso

³³“...a complex of signs, used to communicate a message.” (Burgin, in Evans e Hall, 2005:44)

³⁴ “...to become more aware of the mediating role of signs and of the roles played by ourselves and others in constructing social realities.” (Chandler, 2002:14)

³⁵ “...meaning is not transmitted to us- we actively create it accordingly to a complex interplay of codes or conventions of which we are normally unaware.” (Chandler, 2002:14)

³⁶ “...living in a world of increasingly visual signs, we need to learn that ever the most realistic signs are not what they appear to be.” (Chandler, 2002:15)

ou fracasso em termos de signo fotográfico”³⁷ desses fotógrafos. O trabalho do semiólogo é feito considerando-se que, se há um domínio da arte fotográfica é por que existe algum tipo de sistema de signos que pode ser aprendido e utilizado com sucesso, ou seja, *dominado*.

A teoria semiótica apresenta duas tradições divergentes: uma proposta por C.S. Peirce (1966), no final do séc. XIX nos EUA, e outra proposta por F. de Saussure (1916) no início do séc. XX, na Europa, e mais tarde retomada por Barthes (1964). Essas teorias se revelam de grande importância para o estudo de imagens a que esse estudo se propõe.

Chandler se refere à semiótica contemporânea como um estudo de signos que fazem parte de um sistema maior de signos, e que se preocupa com a maneira “como os significados são realizados e como a realidade é representada”³⁸ (2002:2).

Para Sturken e Cartwright (2005:28), ao comentarem as idéias de Peirce, o significado “reside não apenas na percepção e na ação subsequente que se segue àquela percepção”³⁹, ou seja, um pensamento só pode ser interpretado após ter sido seguido de outro pensamento que lhe permitiu tal interpretação, exemplificam as autoras.

Dentre os semiólogos, chama a atenção os trabalhos de Charles Sanders Peirce, filósofo, matemático e físico norte-americano que trouxe contribuições importantes no campo da semiótica. Para Peirce (1966) linguagem e pensamento são processos de interpretação do signo. Peirce propôs categorias para o signo que se baseiam nas diferentes relações entre significado e significante. Sua preocupação era de que os signos não-lingüísticos podiam ser menos arbitrários do que Saussure propusera em relação aos signos lingüísticos (Evans, in Evans e Hall, 2005:13). Peirce propõe uma análise dos signos considerando-se três partes: **a)** o *representamen* – que se refere à forma que o signo apresenta, **b)** *interpretante* – o sentido que o signo tem, e **c)** o *objeto* – aquilo ao que o signo se refere. Isso

³⁷ “...their success or failure... in terms of the photographic sign itself.” (Burgin, in Evans e Hall, 2005:45)

³⁸ “...meaning-making and representation of reality.” (Chandler, 2002:2)

³⁹ “...resides not in the initial perception of a sign, but in the interpretation of the perception and subsequent action based on that perception.” (Sturken e Cartwright, 2001:28)

seria uma “tentativa de se pensar na relação entre signos e referentes”⁴⁰ (Evans, in Evans e Hall, 2005:13). Enquanto Saussure enfatiza a arbitrariedade do signo, Peirce enfatiza que essa arbitrariedade dos signos é relativa.

Kress e van Leeuwen (2000) comentam a utilização de termos e conceitos da semiologia de Peirce como: símbolo, ícone e indicador, para o estudo de imagens. Evans acrescenta ainda que a fotografia:

“diferentemente dos desenhos de uma imagem originada por computador, está física ou casualmente ligada ao seu referente, sendo o resultado de uma redistribuição óptica de raios de luz emanados de um objeto em direção a materiais sensíveis à luz.”⁴¹

(Evans, in Evans e Hall, 2005:13)

É justamente essa condição da fotografia de estar diretamente conectada de alguma maneira ao significante, que faz com que a imagem fotográfica se apresente *presa* ao objeto.

O lingüista europeu Ferdinand de Saussure (1916, 2005) concebeu em sua teoria da linguagem a noção de que o significado muda “de acordo com o contexto e regras da língua”⁴² (Sturken e Cartwright, 2001:28). Seu livro de publicação póstuma *Tratado de Lingüística Geral* deu início ao estruturalismo europeu. Saussure considera a língua como um sistema de signos mais importantes, localizado em nossa mente, e formado por signos, que são arbitrários, frutos de uma convenção. Um signo lingüístico não é “um elo entre uma coisa e um nome, mas entre um conceito – *significado* - e uma imagem acústica – *significante*” (Saussure, 1983:66).

Os conceitos sobre signos apresentados por Peirce e por Saussure, e mais tarde por Barthes (2003), são fundamentais para o estudo de imagens. Esses conceitos, inclusive, são de grande importância na investigação de significados e interpretações da imagem fotográfica.

⁴⁰ “...an attempt to think about the relationship between signs and referents.” (Evans, in Evans e Hall, 2005:13)

⁴¹ “...unlike a drawing or computer-generated image, is thus physically or causally linked to its referent, being the result of an optical redistribution of light rays emanating from an object on to light-sensitive materials.” (Evans, in Evans e Hall, 2005:13)

⁴² “...according to context and to the rules of language.” (Sturken e Cartwright, 2002:28)

A abordagem semiótica tem influência, inclusive em outras abordagens de língua e de análise de imagens. Estudiosos como Hasan (1996), Martin (1997) e Kress (1993) apresentam em seus trabalhos abordagens sócio-semióticas utilizando fundamentos da teoria sistêmico-funcional de Michael Halliday (1994).

Esses pesquisadores também consideram que o sistema semiótico tem o *signo* como a noção central (Kress e van Leeuwen, 2000). Para Halliday e Hasan (1989:3), a semiótica é mais do que um estudo de *signos*, é um estudo do significado dos sistemas de *signos*, ou seja, “um estudo geral do significado”⁴³. A linguagem é um dos diversos sistemas de *signos* que são usados para a construção de sentido, ou seja, a lingüística é um tipo de semiótica (Hasan,1996). Halliday e Hasan (1989:4) inclusive fazem uso dessa concepção para definir cultura como um “conjunto de sistemas semióticos, um conjunto de sistemas de significados, os quais se relacionam entre si”⁴⁴. Os visuais, assim como a língua, é “um dentre um número de sistemas de significados, que juntos constituem a cultura humana”⁴⁵ completam Halliday e Hasan (1989:4)

Kress e van Leeuwen (2000:40) consideram que os visuais também são sistemas semióticos, e como qualquer “modo semiótico, devem servir a vários requisitos de comunicação (e de representação) a fim de funcionarem como um sistema completo de comunicação”⁴⁶. Os *signos* ao serem criados têm um significado (*signified*) que querem expressar, e esse significado é “expresso através de um modo semiótico, que torna disponível a mais plausível subjetividade, a forma mais apta”⁴⁷ (Kress e van Leeuwen, 2000:6), ou seja, o *significante* (*signifier*). Kress e van Leeuwen vêem o *signo* como conjunções motivadas de significados e *significante*. E na semiologia a motivação é definida em termos de uma relação entre *significante* e *significado*.

Em concordância com essa abordagem, outro pesquisador, Unsworth, confirma a importância da teoria semiótica para a análise de imagens, e comenta

⁴³ “...general study of signs” (Halliday e Hasan, 1989:3)

⁴⁴ “ set of semiotic systems, a set of systems of meaning, all of which interrelate” (Halliday e Hasan, 1989:4)

⁴⁵ “...a number of systems of meaning that, taken all together, constitute human culture.” (Halliday e Hasan, 1989:4)

⁴⁶ “...all semiotic modes, has to serve communicational (and representational) requirements in order to function as a full system of communication.” (Kress e van Leeuwen, 2000:40)

⁴⁷“... express it through the semiotic mode which makes available the subjectively most plausible, most apt form...” (Kress e van Leeuwen, 2000:6)

que Kress e van Leeuwen reconhecem que a coerência entre as imagens e a composição textual se dá em “diferentes maneiras, e assim realizam a *realidade semiótica*”⁴⁸ (Unsworth, 2001:72).

Nesse capítulo, objetivei dar um panorama do que vem a ser a teoria semiótica e de como ela pode ser aplicada ao estudo de imagens fotográficas. Sendo a fotografia um tipo de imagem, todas as vezes que se faz uma interpretação de sua imagem com a finalidade consciente ou não de entendê-la, estamos recorrendo à semiótica. Ao considerarmos que tanto a linguagem quanto os visuais se utilizam da noção do signo para fazer significado, a semiótica passa a ser um recurso importante para o estudo desses diferentes sistemas de comunicação.

⁴⁸ “... different ways and so realize *semiotic reality*.” (Unsworth, 2001:72)